



PICKPOCKET O CARTEIRISTA

*Nova Cópia Digital Restaurada
Um filme de Robert Bresson

Sinopse

Em vez de seguir o conselho do seu bom amigo Jacques e procurar um emprego, Michel aventura-se numa carreira de carteirista. Enquanto carteirista, e apesar das suspeitas do comissário da polícia que o tem em permanente vigilância, Michel vai gradualmente aperfeiçoando as suas técnicas e fica eufórico a cada novo sucesso.

Actores

Martin LaSalle, Marika Green, Jean Pélégri, Dolly Scal, Pierre Leymarie, Kassagi, César Gattegno, Pierre Étaix

Equipa Técnica

Realização — Robert Bresson
Argumento — Robert Bresson
Director de Fotografia — Léonce-Henri Burel
Montagem — Raymond Lamy
Produção — Compagnie Cinématographique de France
Produtor — Agnès Delahaie

Características Técnicas

Ano de Produção: 1959
País: França
Duração: 77 min
Classificação: M/12

Pickpocket é o primeiro filme de Robert Bresson. Os que fez antes não passaram de rascunhos. Se reconhecemos o valor deste cineasta afirmamos que a estreia de *Pickpocket* é uma das quatro ou cinco grandes datas da história do cinema.

É impressionante que, ao contrário dos que o precederam, o novo filme de Bresson tenha sido concebido, escrito, realizado, montado e concluído no curto espaço de dez meses, como se o período da tentativa e erro fosse já passado. *Pickpocket* é um filme profundamente inspirado, um filme livre, instintivo, candente, imperfeito e tocante. Ele denuncia todos os equívocos: se negarem este filme, é o cinema como arte autónoma que põem em causa.

Em *Pickpocket* não existe a *anecdote*, isto é, o pretexto estranho ao propósito real do filme e que muitas vezes o mascara, aquilo que os produtores chamam de “um bom tema”, “uma boa história”, com pendor psicológico, progressão dramática, etc. Existem apenas símbolos de uma simplicidade luminosa compondo uma alegoria ou, mais exactamente, aquilo que chamamos no Evangelho de parábola. Virando definitivamente as costas à dramaturgia, Bresson fez um filme contemplativo, um filme de reflexão moral, que está para o cinema tradicional como Pascal está para Balzac.

De que nos fala Bresson? Não esperem sabê-lo ao lerem o volumoso dossiê de imprensa consagrado ao seu filme. “Eles vêem e não observam, eles escutam e não compreendem”. Nenhum crítico disse (ou quis dizer) aquilo que uma criança de doze anos minimamente catequisada descobre imediatamente: o ladrão é o Homem, são vocês, sou eu: ele está nas mãos de Deus — o polícia de olhar indulgente ou terrível; mas ele revolta-se, com orgulho, pecado supremo (a parábola é pascaliana); é mal protegido pelo seu anjo da

guarda, o amigo tolo e, de queda em queda, a graça divina apodera-se dele, tomando o rosto de uma jovem mulher, um pouco ingénua no início, mas que se torna sublime no desenlace, imensamente sublime.

Se retiverem estas impressões, o filme de Bresson surgirá aos vossos olhos como uma pintura de Giotto ou uma cantata de Bach. A arte de Bresson tem esta força naïve, esta candura artilosa, esta certeza inquieta e inquietante dos grandes artistas da tradição cristã. Citemo-lo: “Meto-me ao caminho. Não procuro, encontro. E nesse momento de encontro eu exulto.”

Louis Malle (*Avec Pickpocket Bresson a trouvé*, 1959)

Tudo é belo neste filme, porque tudo é necessário. Pela relação simples e definitiva que estabelece entre conteúdo e forma, *Pickpocket* é um filme de uma frescura fulgurante. Ao primeiro visionamento arrisca queimar-vos os olhos. Façam como eu: voltem (a vê-lo) todos os dias.

Louis Malle

Um filme de mãos, objectos e olhares

Jean Douchet: Não lhe esconderei a nossa surpresa relativamente ao tema do filme *Pickpocket*, cuja rodagem terá início daqui a dias.

Robert Bresson: Um tema é um pretexto. Somos pouco responsáveis pelas ideias que temos, mas somos um pouco mais por aquilo em que as tornamos. O meu último filme, *Un condamné à mort s'est échappé*, já me tinha orientado para as mãos, a extraordinária habilidade das mãos, a sua inteligência! Creio que me lembro de ter lido em Pascal uma frase como “A alma ama a mão”. A alma de um carteirista, a mão de um carteirista... Existe uma dimensão de maravilhoso no pequeno furto. Já se apercebeu do desconforto que causa a presença de um ladrão? É inexplicável. Mas o cinema é o domínio do inexplicável. *Pickpocket* é um pequeno tema. Gosto muito de pequenos temas.

JD: Quem é o seu carteirista?

RB: Um jovem tentado pelo roubo. Ele luta contra a tentação, depois cede. Alimentou-se de teorias sociais que o desculpam. Ao mesmo tempo, é fascinado por esse gesto mágico... Tudo se passa em Paris. Adoraria tornar palpável a evidência de que nem todos os caminhos que seguimos na vida conduzem sempre a um destino. Entenda-se, ao destino previsto.

Queria fazer um filme sobre mãos, olhares, objectos, recusando tudo o que seja teatro. O teatro mata o cinema e o cinema mata o teatro. Num filme, só precisamos do homem. O actor, mesmo cheio de talento, oferece-nos do ser humano uma imagem demasiado simples e, conseqüentemente, falsa. Não se trata de dar importância ao que os meus intérpretes mostram. Trata-se de relevar tudo aquilo que eles escondem. Um olhar apanhado de improviso pode ser sublime.

O actor projecta-se. O movimento é de dentro para fora. Num filme, é o oposto que acontece. É preciso que tudo esteja bem no interior, que nada escape. Às vezes digo aos meus intérpretes: “Quando falarem, falem para vocês mesmos.”

“Todo o movimento nos descobre”, disse Montaigne. Para mim, o gesto e a palavra não são o essencial de um filme. O essencial é esta coisa, ou coisas, que ambos provocam.

Robert Bresson entrevistado por Jean Douchet, in *Bresson par Bresson, entretiens*, Flammarion, Paris, 2013

[trad. dos textos: Cláudia Coimbra]